

A TEIA DA VIDA

Tudo que aprendi até hoje foi de forma errada ou enganosa, de onde conclui que a verdade é maleável e falaz. O certo de hoje pode ser o erro de amanhã e vice-versa.

Logo que entrei para o grupo escolar, minha primeira professora (que por sinal era um doce de mulher e por seu porte e feição deixava todos os alunos com os olhos gulosos) ensinou, na primeira aula de matemática, que o "ponto" era o resultado da interseção de duas linhas. Depois de uns dias, lecionando geometria, a mesma mestra explicou que a "linha" era o resultado do prolongamento de um ponto. Evidentemente, ela não sabia nada e eu muito menos, pois as duas definições eram absurdas e redundantes.

Após alguns anos, já na mocidade, aprendi que a vida ou existência é o tempo decorrido entre o nascimento e a morte. Assim, a minha vida seria o tempo entre o dia que nasci e aquele em que vou morrer, sem contemplar a duvidosa existência futura, a respeito da qual ninguém sabe nada.

E os anos foram passando: mocidade (aventuras), universidade, profissão, casamento, filhos, netos. E eu sempre pensando que a minha vida era una e indivisível, ora boa e bem

sucedida, ora ruim, cheia de tropeços e tristezas. No entanto, nada mais errado.

Qualquer pessoa não tem apenas uma existência, mas sim uma pluralidade ou multiplicidade de vidas, das quais cada um é o centro. Apenas para enumerar algumas de minhas vidas: tive uma com meu Pai, outra com minha Mãe, outra partilhei com meu irmão, com minhas namoradas, com a esposa, com os filhos, clientes, amigos e inimigos, vizinhos, políticos, e tantas outras pessoas.

E cada uma delas é diferente da outra. Umas dão satisfação e alegria, outras só trazem aborrecimentos, angústias e tristezas. Só existe uma constante: participo de todas, quer queira quer não. Em alguns casos, elas se entrelaçam, formando infindáveis combinações. Às vezes, umas se interrompem pela distância, outras terminam pelos falecimentos. E quando a tristeza é muito dolorosa pelo fim de umas das vidas, como autodefesa, a gente se agarra às outras, procurando, inutilmente, remendar o que não tem conserto.

Em certas épocas a urdidura é tão grande, tão complexa, que se torna alucinante. Por exemplo: o primeiro filho vai muito bem; o segundo tem problemas, enquanto que o terceiro anda triste e... as emoções ficam divididas. A um momento de alegria sucede um de lágrimas, de aperto no

coração. E tudo acontece diuturnamente, sem cessar. A variedade de situações inesperadas nos deixa aturdidos e impotentes, surgindo daí um paradoxo: é muito difícil ser totalmente feliz; é muito difícil ser totalmente infeliz.

Agora já sei: minha vida é um emaranhado de existências, às quais estou indissolivelmente ligado, por minha ou contra vontade, pelos fios fortes do destino.

Qual seria a solução? Viver simplesmente, diminuir a teia; simplificar a urdidura, ignorar as vidas paralelas, as existências entrelaçadas, estimular algumas, suprimir outras... Ninguém tem esse poder.

Na verdade, não passamos de marionetes, de bonecos movidos por forças inesperadas e inelutáveis. Entrementes, vamos tocando, aceitando tudo com resignação e coragem, até que um dia cheguem a paz e o esquecimento. Mas será que é bom ter paz? Nem sei...

Só de uma coisa tenho certeza: tropeçando, caindo, levantando, rindo ou chorando, consolado, quero que minhas vidas sejam ricas, plenas e complexas, até o fim. E ainda existe uma esperança: pode ser que depois, eu viva outra vez.